

**G. DI PALMA (Ed.), *Deum et Animam scire cupio. Agostino alla ricerca del vero su Dio e l'Uomo*, Napoli, Pontificia Facoltà Teologica dell'Italia Meridionale. Sezione S. Tommaso D'Aquino, 2010, 270 p. (=Biblioteca Teologia Napolitana).**

Com muito gosto assinalamos a publicação dos textos de duas edições da "Lectio Augustini Neapolitana" relativa a 2008 e 2009. A primeira delas trata do "De vera religione", lido no contexto actual do diálogo entre as religiões do mundo. O tema é tratado por V. Grossi, A. Pieretti, G. Lopresti, E. Dovere, A. V. Nazzaro, D. Marafioti. De diversos modos, trata-se da problemática que enfrentou o cristianismo, depois de se ter tornada não só "religio licita", mas sobretudo religião oficial do Império Romano. A analogia com o nosso tempo é evidente, no momento em que os cristãos têm de lidar com o fim de chamada "era" constantiniana e de justificar o lugar da fé num contexto pluralista. Entre todos os textos, chamamos a atenção do leitor para o de A. Nazzaro (La controversia 'De Ara Victoriale' tra Simmaco e Ambrogio) que põe dois grandes homens, conhecidos e amigos tanto quanto se sabe, a discutir um facto da actualidade de então: a retirada do altar da deusa Vitória do Senado de Roma. Entre o Senador Símaco, que permaneceu pagão e o Bispo Ambrósio estabelece-se uma correspondência dramática que caracteriza toda uma época. A beleza do uso do latim de ambos, o conhecimento da literatura que ambos mostram, a rectidão de consciência dos dois, fazem desta controversia um ponto alto do encontro de duas civilizações em percurso inverso: o mundo clássico que chega ao fim e o mundo cristão que emerge.

A segunda "Lectio" é sobre a questão da alma em Agostinho, a questão antropológica por excelência. G. Balido trata do "De immortalate animae", P. Pascucci do "De quantitate animae", G. di Palma versa sobre a origem da alma no "De Genesi ad Litteram X" e D. Mirafioti sobre a antropologia tripartida no "De Civitate Dei". Recomendamos vivamente a leitura dos textos de ambas as semanas de estudo sobre S. Agostinho. É muito reconfortante observar como a problemática deste remoto tempo pode ser sugestiva para a teologia que nos ocupa hoje, ou melhor, para nos ajudar a concentrar o olhar teológico para aquilo que realmente conta, que não é tão diferente ontem como hoje.

Jorge Teixeira da Cunha